



Acelerar o desenvolvimento do setor financeiro para impulsionar o crescimento na África Subariana



[Anne-Marie Gulde-Wolf](#)

13 de julho de 2016

São muitas as razões pelas quais o aprofundamento do desenvolvimento financeiro — ou seja, o crescimento dos depósitos e empréstimos, mas também o aumento da sua acessibilidade e da eficiência do setor financeiro — é bom para o crescimento sustentável na África Subariana. Entre outras coisas, ele ajuda a mobilizar poupança e a direcionar recursos para fins produtivos ao, por exemplo fornecer capital inicial para o próximo empreendimento inovador. Isto, por sua vez, facilita uma alocação mais eficiente dos recursos e aumenta a produtividade global.

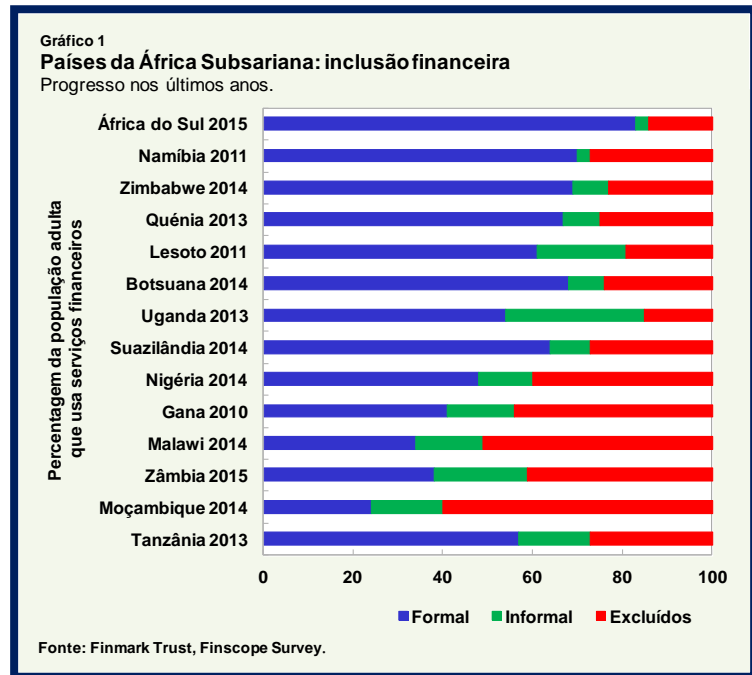
O aprofundamento do desenvolvimento financeiro também apoia a criação de uma maior variedade de produtos e serviços, melhora a gestão dos riscos, torna os pagamentos mais fáceis e ajudar os emprestadores a monitorizar melhor os seus clientes. Ademais, proporciona instrumentos, como pacotes de seguro, e informação que ajuda famílias e empresas a enfrentar eventos adversos, o que torna o consumo e o investimento mais estáveis.

Em vista das perspectivas de enfraquecimento do crescimento da região, é de particular interesse examinar todas as fontes ou facilitadores do crescimento. Assim, no nosso mais recente [relatório sobre as perspectivas econômicas regionais para a África Subariana](#), examinamos até que ponto instituições e mercados financeiros desenvolvidos, eficientes e acessíveis poderiam impulsionar o crescimento e que opções de política seriam mais úteis para ajudar a concretizar este potencial.

Bons progressos, porém desafios consideráveis persistem

Para avaliar por inteiro o potencial para o aprofundamento do desenvolvimento financeiro, examine o progresso encorajador obtido pelos países subsarianos nas últimas décadas:

Primeiro, a região foi líder mundial em serviços financeiros com base na telefonia móvel, sobretudo na África Oriental. A rápida disseminação de sistemas como M-Pesa, M-Shwari e M-Kesho no Quênia ajudou a reduzir os custos de transação e a facilitar as transações pessoais mesmo na falta duma infraestrutura financeira tradicional. As microfinanças também cresceram rapidamente, oferecendo serviços aos consumidores nos segmentos mais baixos da distribuição de rendimentos, e grandes proporções da população agora têm acesso a serviços financeiros de forma mais geral (Gráfico 1).



Contudo, a inclusão financeira, isto é, o nível em que todos os segmentos da população podem beneficiar de serviços financeiros, ainda fica bem atrás daquela encontrada em outras regiões em desenvolvimento no mundo. Por exemplo, uma vez que cada vez mais pobres, mulheres e pessoas com menos instrução têm um telemóvel, é grande o potencial para explorar por inteiro os pagamentos móveis para compensar as deficiências dos métodos tradicionais de prestação de serviços financeiros aos mais mal atendidos.

Segundo, o setor financeiro aprofundou-se — a mediana do rácio entre o crédito ao setor privado e o PIB dobrou relativamente ao seu nível de 1995. Contudo, com a exceção dos países de rendimento médio da região, a profundidade dos mercados financeiros e o desenvolvimento institucional também continuam a ser bem inferiores aos de outras regiões.

Terceiro, agora encontramos bancos pan-africanos — bancos de propriedade local que funcionam em vários países — na grande maioria dos países subsarianos. A sua expansão colmatou brechas nos serviços deixadas pelos bancos europeus e americanos, promoveu o aumento da integração económica e tornou a banca mais competitiva. Mas como costuma ser o caso em desenvolvimentos financeiros novos e de rápido crescimento, os bancos pan-africanos também geram uma série de desafios, em especial a necessidade de fortalecer a

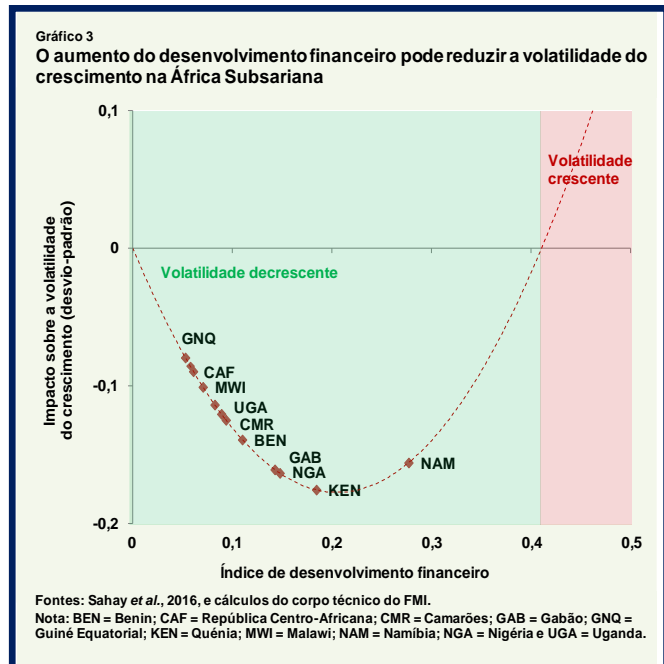
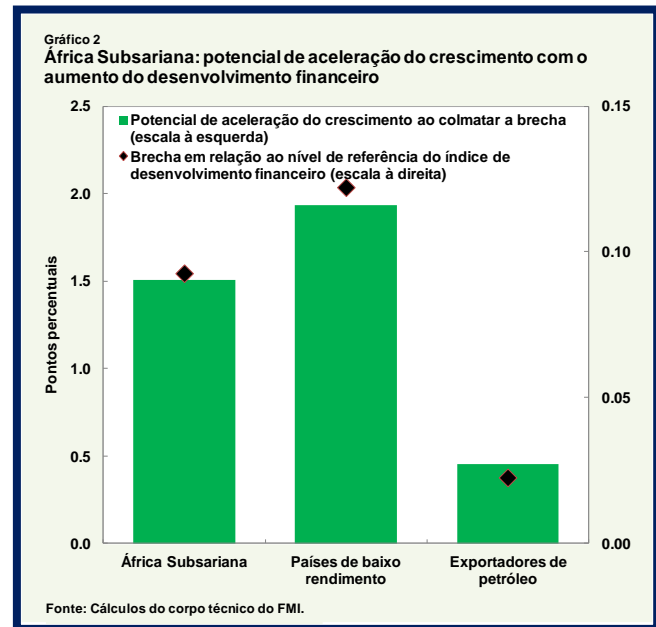
fiscalização em base consolidada e transfronteiriça, bem como de melhorar os controles internos e aumentar a transparência dentro destas instituições.

Um grande potencial de crescimento desaproveitado

Mas, realisticamente falando, que nível de desenvolvimento financeiro os países da África Subariana poderiam alcançar? Um exame dum [índice combinado de diversas dimensões do desenvolvimento financeiro](#) mostra uma brecha considerável entre o nível de desenvolvimento financeiro em que muitos dos países subsarianos estão a operar atualmente e o que poderiam alcançar em comparação com outras regiões com características estruturais semelhantes.

Assim, o potencial para o aprofundamento do desenvolvimento financeiro é substancial, e o impacto de colmatar a brecha é de um crescimento anual adicional de cerca de 1,5 pontos percentuais para a mediana dos países subsarianos, com variações entre os grupos de países (Gráfico 2).

Para além disso, mostramos que o aumento do desenvolvimento financeiro pode reduzir a volatilidade do crescimento, sobretudo se este desenvolvimento for relativamente baixo no início, como é o caso na maioria dos países da região (Gráfico 3). Aqui, mais desenvolvimento financeiro alivia as restrições ao crédito e oferece instrumentos para suportar choques adversos. Contudo, com o aprofundamento do setor, a sua contribuição para a redução da volatilidade diminui, pois a profundidade financeira também aumenta a propagação e amplificação dos choques.



Salvaguardar a estabilidade macroeconómica e reforçar a estabilidade das instituições

Assim, o que devem fazer as autoridades para ajudar as economias subsarianas a aproveitar este potencial?

A nossa análise mostra que o desenvolvimento financeiro da região tem sido impulsionado, em grande medida, pela melhoria dos fundamentos macroeconómicos nas últimas décadas, mas vem sendo prejudicado pela debilidade das instituições. Desta forma, quadros legais e institucionais sólidos e, em especial, uma vigorosa governança societária são cruciais para criar um ambiente em que o setor financeiro possa desenvolver-se e prosperar.

Mas os países também precisam estar atentos aos riscos para o sistema financeiro e os seus reflexos na economia. Como a regulamentação em muitos países ainda não está plenamente alinhada com as melhores práticas mundiais e a sua implementação permanece fraca, a melhoria dos quadros regulamentares e o fortalecimento da capacidade de supervisão e dos poderes de fiscalização são essenciais. Entre muitas outras reformas, são prioritárias a harmonização da regulamentação e dos procedimentos de supervisão para evitar a arbitragem regulamentar e o estabelecimento de um mecanismo apropriado para a resolução das instituições financeiras inviáveis.

Por último, os órgãos de supervisão financeira devem monitorizar cuidadosamente o risco relacionado às transações monetárias por meio de dispositivos móveis à medida que estas ganham popularidade entre o segmento de baixo rendimento da população, garantindo a segurança dos recursos das famílias e permitindo a elas fazer transações com mais facilidade, poupar para períodos mais difíceis ou contrair um empréstimo para abrir um negócio.

Anne-Marie Gulde-Wolf, cidadã alemã, é Subdiretora do Departamento da África do FMI. Supervisiona o trabalho do departamento e as políticas prioritárias em uma série de países da África Austral e Central, como a África do Sul, Botsuana, Namíbia, Lesoto e Suazilândia, bem como a Comunidade Económica e Monetária da África Central. Coordena também o trabalho do departamento em questões do setor financeiro. Antes de ingressar no Departamento da África em 2012, foi Subdiretora do Departamento da Europa e ocupou diversos cargos no Departamento de Mercados Monetários e de Capitais, também no FMI. Doutorou-se em economia internacional no Graduate Institute of International and Development Studies em Genebra, Suíça. Suas publicações concentram-se em regimes cambiais, estabilidade financeira e questões sobre o desenvolvimento.